

ALIADO INSATISFEITO

Maranhão desagrada a Sarney

Abandono do

Falta de verbas para Estado governado pela filha faz presidente do Senado criticar o governo

HELENA CHAGAS
e ROSA COSTA

BRASÍLIA — A falta de verbas federais para o Maranhão é um dos motivos principais da insatisfação que o presidente do Senado, José Sarney (PMDB-AP), começou a demonstrar em relação ao governo Fernando Henrique Cardoso. Por trás das críticas à política econômica do governo e aos juros altos, está o desagrado de um pai carinhoso com o tratamento dispensado à filha, a governadora do Maranhão, Roseana Sarney. Segundo amigos, Sarney anda furioso porque, ao contrário do que esperava, o Maranhão não recebeu até agora um centavo da União.

"No final do ano, vou colocar uma placa na frente do Palácio dos Leões comunicando: 'Sobrevivemos, apesar de não termos recebido nenhum recurso do governo federal'", desabafou Roseana numa conversa com o pai e outros senadores, na quinta-feira, durante reunião da mesa diretora do Senado. Roseana foi a Brasília para uma audiência com o presidente Fernando Henrique e passou no Senado "para dar um beijo em você, meu pai", como disse para justificar a presença na reunião dos senadores.

A conversa sobre a falta de dinheiro começou quando um senador perguntou: "Então, minha governadora, veio a Roma buscar dinheiro?" Roseana respondeu: "Pois é, mas não estou conseguindo", lamentou. "Preparamos os projetos, fizemos tudo do que jeito que pediram, mas até agora nada." A solidariedade do pai foi imediata. Sarney invocou a sabedoria mineira de José Maria Alckmin, no comentário: "É



Mágoas políticas: falta de dinheiro deixa senador do PMDB furioso

como o Alckmin dizia, ao falar do dinheiro doado ao Brasil pelo Usaid: todo mundo sabe que existe, consegue vê-lo, mas não consegue pegar." O Usaid foi um fundo criado pelos Estados Unidos para financiar projetos no Terceiro Mundo nos anos 60.

O distanciamento entre Sarney e Fernando Henrique agravou-se pela reclamação de parlamentares ligados ao ex-presidente, principalmente da bancada da Amazônia, que disputam cargos na diretoria da Eletronorte. Sarney nunca pediu diretamente nenhum cargo ao governo federal, mas seus amigos consideram que ele está sendo desprestigiado quando sua bancada não é atendida. Daí a avaliação, feita inclusive dentro do Palácio do Planalto, de que as atitudes do presidente do Senado, nos últimos dias, têm por motivo o que os políticos costumam chamar de "mágoa política".

BANCADA
ALIADA QUER
CARGOS NA
ELETRONORTE

Obstrução da LDO não terá apoio

BRASÍLIA — A estratégia dos líderes governistas de obstruir a votação da Lei de Diretrizes Orçamentárias (LDO) até 3 de julho, para garantir a aprovação em primeiro turno de quatro emendas constitucionais, não tem o apoio do presidente do Senado, José Sarney (PMDB-AP). Ele reiterou ontem que continua defendendo o início do recesso no dia 1º, como manda a Constituição, mas observou que não tem como impedir a obstrução da votação da LDO. Sarney disse que colocará a lei em votação na quarta-feira, deixando claro que não pretende apoiar a decisão dos líderes. Enquanto a LDO não for votada, o Congresso não entra em recesso. "A obstrução é um instrumento legítimo do Congresso", justificou. "De minha parte, vou fazer o que manda a lei."

Senador teme que juros causem recessão

Para Sarney, política econômica do governo não combina com discurso de Fernando Henrique

BRASÍLIA — O presidente do Senado, José Sarney (PMDB-AP), apontou ontem o risco de a política econômica do governo provocar recessão, se forem mantidas as altas taxas de juros. Segundo o senador, "o patamar astronômico" dos juros não combina com o discurso do presidente Fernando Henrique Cardoso, de retomada do crescimento econômico. "É uma posição que, sem dúvidas, pode desembocar na recessão", afirmou.

Sarney foi enfático nas suas críticas ao governo, ao deixar o Senado na hora do almoço. Segundo ele, não compete ao Congresso e sim ao Poder Executivo, "responsável pela condução da política econômica do Brasil", colocar as taxas de juros "em nível de mercado". O senador acredita que mesmo no governo há restrições às taxas cobradas pelos bancos.

"Acho que o próprio governo e o presidente Fernando Henrique têm se manifestado a esse respeito", enfatizou. "Por isso, acredito que o governo deve pensar numa política que implique na diminuição dos juros."

Com "cacife" bastante para influenciar vários votos no PMDB, maior partido da base parlamentar do governo, Sarney ressaltou que esse apoio não vai impedi-lo de discordar e de pedir soluções para as medidas econômicas que considera negativas para o Brasil. "Nosso apoio não importa em deixar de apontar soluções e de sugerir alguma forma de colaboração."

O presidente do Senado observou que há "uma quase unanimidade" no País contra os juros altos, mas ressaltou que isso não justifica o apoio ao projeto de lei que limita os juros a 12% ao ano, prestes a ser votado pela Câmara dos Deputados. "Colocar ta-

belamento na Constituição é de certo modo ineficaz e até mesmo ridículo", reagiu. "É preciso ter em conta que o dinheiro é um dos mecanismos mais sensíveis da economia e está sujeito às leis de mercado."

O porta-voz da Presidência da República, Sérgio Amaral, informou ontem que Sarney telefonou para Fernando Henrique na quinta-feira para negar que tenha feito críticas à política econômica de seu governo. "O presidente José Sarney ligou para o presidente Fernando Henrique ontem e disse que foi mal-interpretado." Segundo o porta-voz, Fernando Henrique acredita nas explicações de Sarney, porque "é testemunha do esforço do presidente José Sarney em apoio à política econômica do governo e às propostas do governo no Senado".

DESMENTIDO
EM
TELEFONEMA
AO PRESIDENTE